

A Tribo Imaginária

Andrés del Bosque*

* Formou-se em Direção Teatral pela ESAD de Murcia em 2011 e realizou seu mestrado em Artes Cênicas na Universidad Rey Juan Carlos em 2011 e 2012. Doutor em Artes pela Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, com a tese “En busca de la risa perdida, Aportaciones del Clown a la teatralidad”.

Resumo |

Uma mensagem que, através de sinais de fumaça ancestrais, é dirigida a uma tribo imaginária para provocar uma troca de saberes entre indígenas e estrangeiros, em torno dos palhaços sagrados e os bufões rituais, a fim de invocar o riso e o estudo do bom humor.

Palavras-chave: "Soledaridad" ; Projeto do esquecimento; Epistemicídio; Trickster; Desclovnolização.

A troca de conhecimentos através dos palhaços sagrados dá a oportunidade de examinar essa ideia de solidão do *clown*, tão incompreensível para a instituição dos bufões rituais. Os clowns "terão vivido a experiência fundamental da criação: a solidão", Lecoq dirá em *O Corpo poético*. Exatamente *A soledad* (sic) do *clown*, repetimos em coro com um dos maiores mestres do *clown* ocidental contemporâneo.

É difícil pensar em algo que seja menos solitário, mais interdependente, mais solidário e menos isolado do que a criação e os processos criativos. Em primeiro lugar, porque para sermos feitos precisa-se de dois, e, em segundo lugar, porque, como criaturas sociais, desde o nascimento até a nossa última metamorfose, precisamos da tribo. No entanto, essa ilusão de poetas cômicos únicos encontra muita ressonância em nossa sociedade individualista.

Os *onemanshow* proliferam, as comédias *stand up* estão na moda, os solos de palhaços com seus feitos e respectivos fracassos representam a nata dos festivais de *clown*, as bandas de bufões são escassas e os clássicos trios de *clown* branco, augusto e contra augusto brilham por sua ausência. Isto é, os criadores prevalecem sobre as bandas de criaturas. Todos querem ser *bululú*, ninguém quer ser *ñaque* ou *cambaleo* e ninguém está disposto a sofrer as *companhias*. Essa é a tendência.

A solidariedade é muito perigosa do ponto de vista dos patrões, presume-se que só se deve cuidar de si mesmo e poucos acólitos ouvem um dos papas do capitalismo: Adam Smith, que baseia todos os seus fundamentos econômicos na compaixão como traço humano fundamental. Apagar esse espírito de solidariedade da tribo nos indivíduos que a compõe precisa de grandes esforços e é muito conveniente para os ricos e poderosos, mas é devastador para o resto.

Este trabalho tem como objetivo chamar a atenção para a

importância que os comediantes rituais dos povos indígenas estão cobrando e o saber ancestral que vem do riso nos povos originários, precisamente por sua habilidade na resolução de conflitos. Para este movimento, composto de palhaços sagrados, bufões rituais, pesquisadores do riso, *performers*, filósofos cômicos, doutores em palhaçadas e políticos do humor, chamaremos de forma experimental de A Tribo Imaginária. Esta tribo concentra-se no estudo dos palhaços sagrados e bufões rituais. A instituição dos *clowns* rituais atraiu muita atenção de etnólogos e escritores como Paul Radin, Levi Strauss, Mazzolenni e Kristeva e muito pouco da academia teatral.

Este trabalho visa instalar alguns sinais de fumaça que, apesar de sua volatilidade, podem ser lidos como uma linguagem básica e respondidas com nuvens digitais (*cloud computing*) que prestam um serviço ao riso da tribo.

Quando a distopia apresenta uma nuvem atômica no horizonte, a utopia encontra nuvens ancestrais de comunicação. Isso nos força a decifrar qualquer sinal de alegria e humor no panorama contemporâneo. "Que os Mapuches armaram uma multinacional e ganham as licitações", diz um *broker* insensível em um jornal do Sul.

Este humor mórbido, que toma os Mapuches como bárbaros e os recomenda entrar no mundo da competição selvagem, é uma zombaria que não resolve a troca de conhecimentos entre os povos originários e o *know-how* do estado moderno. Pelo contrário, é um riso que dói, um sarcasmo que pretende negar a existência de um povo e que projeta sobre ele uma sombra de esquecimento. E há uma risada distraída que promove o esquecimento: o projeto do esquecimento.

É uma corrente forte que pretende legitimar como única espécie, que quer não apenas destruir outras espécies, mas também procurar esquecê-las.

O Projeto do Esquecimento pretende que o resto dos seres só tenha valor se os servirem. Trata-se de reduzir outras espécies a comida, transporte, testes genéticos para enfeitar gaiolas e tanques de peixes, animais de estimação submissos e, em resumo, servir de bufões, diz Marta Tafalla. "Nós apagamos a sua identidade desenvolvida em uma evolução milenarista, arrancamos sua memória para que nos sirvam", acrescenta. Eles esquecem seu habitat, seus comportamentos naturais. Não apenas eliminamos as espécies da face da terra, diz Tafalla, mas também as eliminamos completamente de nossa memória. "Quando imaginamos um chimpanzé, imaginamos um palhaço de circo ou uma ferramenta de experimentação."

O Projeto do Esquecimento, que é tão forte nesta sociedade, nada mais é do que um projeto totalitário. As criaturas subjugadas devem esquecer sua própria identidade, esquecer quem eram antes de se tornarem servos, esquecer que podiam viver por si mesmas.

Os seres humanos o têm praticado inúmeras vezes entre si, eliminando culturas, grupos étnicos e povos; eliminando as formas de viver e pensar de outros seres humanos. Exterminar culturas humanas e exterminar espécies animais são dois projetos que compartilham uma ideologia comum, uma ideologia totalitária que impõe uma identidade única como legítima e não aceita a diferença e a pluralidade. Alguns grupos étnicos existem para servir aos outros, mulheres para servir aos homens, os humildes para servir aos poderosos. Submeter-se a essa ditadura significa desaparecer. Colocaremos cada ser vivo em uma gaiola, nos colocaremos em nossa própria gaiola e, quando não houver mais nenhum ser que viva livre, esqueceremos para sempre que a liberdade existia (TAFALLA, 2015).

Ninguém esquecerá o massacre cometido contra os índios Selk'nam, que foram caçados como animais porque disputaram a lã com os Menéndez Braun, durante o governo de Hipólito Irigoyen. Poucos se lembrarão de Maurice Maître, o empresário de espetáculos belga que passeou com uma família de índios Kaweskar por Bruxelas, como uma amostra de antropófagos, no que foi a "divertida" prática dos zoológicos humanos até meados do século XX. O riso e a diversão variam numa dimensão de tempo-espaço que surpreende. Pode o riso ser precisamente um veículo para a troca de conhecimentos com os povos indígenas através da arte?

Há muitos anos, um estrangeiro representante do *establishment* perguntou a um índio Tupi que estava esculpindo a ponta de uma flecha se ele tinha dinheiro, ao que o índio respondeu:

- O que é isso? - enquanto continuava impassível seu trabalho.
- Bem, ele serve para comprar. Você tem uma geladeira, um carro, uma televisão?
- O que é isso?- replicou o índio enquanto continuava a esculpir.
- Bem, o homem é o que te permite a felicidade - replicou o estrangeiro.
- Ah sim, disso sim temos de sobra - concluiu o índio colocando as penas na sua flecha.

O riso feliz aqui vem da inocência do *bom selvagem* ou, talvez, de sua ironia refinada. Sem dúvida, antes dos portugueses descobrirem o Brasil, os brasileiros descobriram a felicidade. É uma risada que lembra o essencial, sem nos distrair com bugigangas.

A criação de uma utopia brasileira centrada em uma sociedade matriarcal, anárquica e sem repressões, tem no Brasil data antiga. Desde a época do *tupi or not tupi*, já no Manifesto Antropófago assinado por Andrade em 1928, foi proclamado que somente a antropofagia unia socialmente, filosoficamente e economicamente. Essa única lei do mundo seria a expressão mascarada de todos os

individualismos e todos os coletivismos; alimento de todas as religiões e de todos os tratados de paz, porque consiste em devorar influências estrangeiras, para impor o caráter da tribo, o caráter nativo. Esta postura antropofágica é oferecida como uma alternativa ao nacionalismo conservador, bem como à cópia servil dos valores ocidentais. É uma absorção do inimigo sagrado, para transformá-lo em um totem. A transformação permanente do tabu no totem. Aqui está um programa claro para os palhaços sagrados e os bufões rituais: Antropofagia cultural dos oprimidos v/s Canibalismo Espiritual dos opressores.

São justamente esses povos chamados primitivos que, através de sua visão de mundo, estão mitigando a barbárie canibalista de uma civilização ocidental que devora tudo o que captura e nos empurra para uma catástrofe ambiental. Eu não digo isso, quem diz é Noam Chomsky. São as tribos nativas que resistem à ação de corporações e sociedades anônimas que saqueiam os recursos naturais da América Latina. São as comunidades indígenas que melhor enfrentam o ultraje das sociedades anônimas e a irresponsabilidade ilimitada que devora minerais, óleos de palma, água e terra, arruinando a riqueza que pertence a toda a humanidade.

A voracidade do mercado e seus *mercachifles* são resistidos com a antropofagia dos consumidores, comportamento alternativo aprendido com os aborígenes e seus farautes, yanacunas e mediadores.

Um estudo feito pelo *World Resources Institute* adverte que o desmatamento evitado pelo manejo florestal comunitário em áreas como o Brasil ou a Guatemala "permitiu manter fora da atmosfera o equivalente de dióxido de carbono que um bilhão de carros teria emitido". É evidente que os conhecimentos ancestrais, as formas de cultivo e o cuidado que as comunidades rurais e florestais mantêm nas zonas onde habitam, representam uma poupança e um benefício milionário, como fontes primárias de sustento, nutrição, medicina e emprego para as pessoas, na maior parte da África rural, Ásia e América

Latina. Isso gera bilhões de dólares de benefícios para a sociedade.

A tribo não será mais vista como uma forma primitiva da sociedade, para ser considerada como uma organização capaz de deter a esquizofrenia e a barbárie de algumas sociedades limitadas e anônimas, que só pensam em crescer à custa de devastar e arruinar tudo o que encontram no seu passo.

O dogma de tomar o outro como uma tribo primitiva e arrancar suas penas é o programa de um complexo militar industrial e patriarcal "que se vê muito as penas" e que não é possível resistir, arrancando-lhe o couro cabeludo, como fizeram os peles vermelhas em seu tempo. O *scalp* já não é praticado, não deu resultados. A resistência pacífica a esses predadores há muito tempo assume a forma de sátira e riso.

Os *clowns* rituais desempenharam um papel mediador no choque de culturas. Eles desmantelaram por uma parte o corpo colonialista, desvelando seu esqueleto de falsas hierarquias e costuraram, por outra, as roupas que permitem que as instituições sagradas dos colonizados continuem a existir sob o manto de mitologias e ritos invasores, impostos com a cruz e o bacamarte. É assim que o culto a Ñusta Huillac vive no deserto de Atacama, sob o manto da Virgem do Carmen da Tirana, ou a devoção à mãe Tonatzin no México, vestida como a Virgem de Guadalupe.

Se for verdade, como Alfred Simon diz em *Le planete des clowns*, que os palhaços são em primeiro lugar uma aparência, então também será verdade a necessidade dos comediantes vernáculos pararem de olhar a ponta do nariz vermelho, com o umbigo voltado para os grandes sapatos que o grande Chaplin e outros magníficos palhaços da Europa colonizadora usavam, e de direcionarmos o nosso olhar para as tradições cômicas dos nossos povos de origem. Voltar do mundo trágico que herdamos, construir uma ponte de alegria entre as mães que nos deram a luz e os pais ausentes que nos deserdaram. Dos

párias, dos deserdados do planeta, de lá extraem o riso, a ternura e a alegria dos bufões do chamado Novo Mundo.

Os palhaços sagrados são as figuras cômicas da tribo e impedem que alguém se leve muito a sério, alertando sobre a fé que ameaça o dogma. Afirmou Julia Kristeva, quando conheceu os *heyoka* entre os índios Hopi, que o riso daqueles palhaços sagrados acabou sendo para ela o futuro de uma revolta, uma revolta permanente. Que papel o riso dos palhaços rituais e bufões sagrados pode desempenhar na resolução desse conflito que coloca em questão nossa ideia de barbárie e civilização?

Hoje em dia, os navios do império ocidental contemporâneo exibem uma figura de proa repetitiva e corada. Esta figura maligna de um *clown* branco causa terror. Na verdade, coincide com a *coulrofobia* isto é, com o terror de palhaços assassinos que se tornou uma moda viral. O chefe do Império, um sujeito supremacista e racista que comanda porta-aviões nucleares, sorri batucando com o índice e o cordial ao redor dos comandos de mísseis *mãe*, que reduziriam a pó, ao anão rechonchudo que canta no Norte, canções de guerra e explosões de guerra.

Este *show* de artes ao vivo, essa performance no imenso circo da realidade global, estimula o riso das hienas e o coaxar dos carneiros. Esse riso opressivo não é interessante. Os rostos ambíguos e carentes de toda compaixão, seus gestos grotescos e semblantes que nunca expressam o que pensam, são os protagonistas do pesadelo televisivo. Este vampiro digital das imagens, onde o público oferece a jugular, conecta seus tímpanos e sacrifica o nervo óptico, se deparou com cordas de alho e estacas no coração, que novamente vêm da resistência de nossas tribos aborígenes.

Com efeito, os nativos americanos designam a doença que a civilização ocidental sofre como *wetiko*. Então eles chamam os *algoquin* e os *ojibwa* a esse canibalismo espiritual que consiste em parasitar outros povos e considerar que isso é legítimo.

Dizem que esse patógeno engana seu hospedeiro e o faz acreditar que obter a força vital de outros (plantas, animais, pessoas, etc.) é um modo lógico e racional de existir. Em outras palavras, é o vírus do egoísmo, ou o que Paul Levy chamou em seu livro *Dispelling Wetiko* de "egofrenia", o egoísmo, como uma doença que nos impede de reconhecer a realidade de que vivemos em um mundo interdependente, em uma tribo imaginária. Que toda a vida tem o mesmo valor intrínseco e que não existimos como egos separados. Até este ponto, o humor ancestral cuida da saúde mental do ecossistema (SAHLINS, 2011).

Dada a noção de *Wetiko*, surge a visão de *Ubuntu*, essa palavra africana, para entender que *eu sou porque somos*. Essa é a experiência da maioria das civilizações, para as quais "o interesse próprio" não tem um significado preponderante, porque os seres e os interesses são transpessoais mais que individuais. Culturas onde o relacionamento com a outra pessoa é inerente à própria existência.

Em seu livro *Colombus and Other Cannibals*, o historiador nativo americano Jack D. Forbes descreve a crença comum entre as comunidades indígenas que os conquistadores europeus foram cronicamente infectados com *wetiko*. Esse canibalismo espiritual que consome a vida da outra pessoa para benefício próprio. O reconhecimento do sintoma dessa doença tem correspondência no método científico e já foi tipificado como epistemicídio.

Alguns estudiosos, como Boaventura de Sousa Santos, afirmam que "o conhecimento científico da modernidade é um grande epistemicídio, já que suprimiu à marginalidade diferentes conhecimentos" (ZEBALLOS, 2015).

Aqui está a atitude de sério aborrecimento: predisposição à ação que se conhece através do desconhecer de tudo o que não lhe interessa. Essa visão elimina todo o riso. *Risus abundat in ore stultorum*. Significa escrever objetivamente; acreditar que existe uma realidade objetiva separada da mente que a observa. Acreditar em um mundo objetivo é a raiz de nossa separação. O que sustenta um mundo dividido entre um sujeito e seus objetos é também o alimento que mantém o programa do ego funcionando como uma realidade absoluta.

"O hotxuá não é pajé é espírito", disse o palhaço entre os *krâho*. Não há separação entre o espírito vegetal da abóbora (a batata-doce) e o pajé. O xamã Krâho recebe a graça diretamente da abóbora, é diretamente do espírito da planta. Para Gétulio Cruacaj Krâho, é tão claro quanto para o biólogo Humberto Maturana que sujeito e objeto compartilham a mesma natureza. Planta e Palhaço compartilham diferentes reinos dentro da mesma humanidade (ABREU, 2015).

Assim é, porque toda a experiência dos fatos observados parte de uma premissa: "O observador é um sistema vivo, e a compreensão do conhecimento como fenômeno biológico deve explicar o observador e seu papel nele." (MATURANA, 2012, p. XIX). O autor prossegue: "Tanto o biólogo, o teórico do cérebro, ou o pensador social, enfrentam um problema fundamental quando *nolens volens* (gostem ou não) têm que descrever um sistema do qual eles mesmos são componentes." (MATURANA, 2012, p. XVI).

Quando não apenas destroem-se outras tribos, mas também se impede qualquer encontro e transferência de conhecimentos, comete-se um epistemicídio. Trata-se da liquidação de algumas formas de apreensão, criação e transmissão de conhecimento-saberes

comunitários, ancestrais ou os próprios de certas culturas de natureza genuína, especialmente após o nascimento e uso do método científico como o único validador por parte das classes dominantes, tornando-se uma espécie de fiador da objetividade que nos protege da subjetividade, do irracional (ZEBALLOS, 2015).

Essa negação dos conhecimentos tradicionais induz a uma crise de presença. A crise da presença é vivida no mesmo momento em que os saberes ancestrais se perdem porque somos deslocados, emigramos ou deixamos de pertencer à tribo. Este transe é percebido como ausência de sentido, depressão e, acima de tudo, como alienação do ser. A fluidez é perdida, os fluidos que nos ligam ao mundo, isto é, o humor é perdido. Em vez de agir sobre o mundo, acontece que passamos a ser influenciados pelo mundo. Um ser externo penetra na pessoa e a possui. É um fenômeno de possessão. O Canibalismo espiritual de alguns levou em conta e controlou as maiorias, a fim de converter tudo em mercadorias e consumidores.

Os rituais mágicos, como o exorcismo, servirão para resgatar a pessoa. A catarse cômica pode ter um papel decisivo. E os palhaços sagrados e bufões rituais têm desempenhado esse papel libertador dentro da tribo desde tempos imemoriais.

A figura do *trickster*, do *perturbador divino* manifesta-se do Egito ao Japão, da Grécia ao Alasca, do Brasil ao Benim. Diante da ordem regida pela razão, representa o selvagem e o sagrado, o excesso absurdo, a confusão das normas, o movimento e o colapso das categorias sociais. É o caos gerador que atenta contra a imobilidade. O Bufão sagrado de Rotuma pronuncia Feitiços Profanos durante os casamentos nas ilhas Fiji; lá o riso e o disfarce são mecanismos de transgressão que nos permitem pular os padrões sociais. Essa subversão é indispensável para nos tornar mais suportáveis a carga da imposição cotidiana. Loucura e imaturidade, bufões carnavalescos e palhaços metafísicos, quebram as regras, ultrajes e excessos corporais. Esta função mágica do riso através de feitiços profanos é a expressão

humana que sublima a loucura como uma força criativa e autopoética. O ser humano desencantado é reencantado e pode voltar a atuar no mundo.

O riso reparador é primogênito, primitivo e comum a diversas manifestações. O Riso da Saturnália, com que os romanos davam, em dezembro, início aos seus trabalhos agrícolas e cujo testemunho podemos sentir nas festas da Vijanera, realizadas em Silió, e remetem às festividades em honra ao deus Jano. Os homens mascarados de Miguel Turra (Província da Cidade Real Espanha) de Vila Nova da Vera, bem como os diabos de Almonacid del Marquesado estão ligados às lupercais, onde personagens horrendos corriam nus pelo Monte Palatino, carregados de símbolos mágicos, e batiam nas mulheres com tiras de couro de pele de cabra. O propósito deste rito era garantir a fertilidade e chamar a primavera. No solstício de inverno os Krampus, uma espécie de baratas de palha, rastejam como demônios aterrorizantes entre os austríacos. Os mamutes que marcham com seus pesados sinos na Sardenha são criaturas das trevas que expressam suas tentativas de recuperar a luz. As bruxas Tschägättä da Suíça são outros exemplos de criaturas tribais ligadas ao simbolismo da fertilidade e fecundidade.

A função de rejuvenescimento do mundo está associada a esses demônios e comediantes rituais. O sagrado que se deteriora por causa das expiações e os tabus torna-se novamente suportável na bacanal, a representação de excessos passionais através da mimese cômica e do riso desencadeiam a catarse, a purificação das emoções que os gregos conheceram e que na Idade Média se manifestou como a Festa dos Loucos. Aquilo que evoca um mundo carnavalesco, um mundo de cabeça para baixo, um universo dominado pela desordem, articulado precisamente pelos mestres do caos. As festas com as danças desenfreadas das bacantes, orgias e ritos extáticos, procissões fálicas são expressões de uma tribo imaginária que celebra Dionísio-Baco, divindades de vinho e a vegetação que na América é expressa em

irmandades, comunidades vegetais, divindades da natureza, animismo, multidão de sincretismos religiosos.

Todo o dogma do *clown* como uma figura laica que não toca o *apito* nunca, que não fala de política ou religião e que infla alguns balões rosa para evitar todo o contato com um par de nádegas, nada mais é do que pura falsificação, que desconecta os *clowns* dos bufões e de seu vínculo sexual e cativante com as divindades cômicas e a origem feminina e subversiva do riso. Não há solidão do palhaço, há *soledaridad* das bandas de palhaços e bufões rituais.

A Rede Latino-americana do riso se encontra no Festival Mímame da Colômbia, que projeta seu interesse em antigos palhaços pré-colombianos da cultura Ylma do Vale do Aburrá, Medellín, Colômbia; no Upa Chalupa Valparaíso, Chile, cujo último cartaz é destacado ao Ulén, palhaço dos índios *selk'nam* desaparecidos; no Festival Anjos de Picadeiro, com o seu mistério de comediantes africanos no Brasil; como também no Esse Monte de Mulheres Palhaças e outras reuniões dedicadas ao riso e ao humor, que já puseram em prática esta pesquisa focada não apenas na tradição de palhaços de espetáculos, mas também interessada nas vastas raízes dos palhaços sagrados e bufões rituais.

Palhaços sagrados

A missão dessas figuras cômicas é tornar visível o censurado, o rejeitado e o reprimido pela sociedade. Não respeitam nada nem a ninguém, e sua aparência nas cerimônias mais solenes geralmente causa escândalo. Eles relativizam a comunicação com os deuses e zombam do melindre do ritual. Aparecem diante da humanidade como selvagens, esfarrapados e sujos. Atacam boas formas e causam repulsa, comem os não comestíveis e dizem o indizível. Sua provocação atinge o grau máximo no aspecto sexual: são mostrados *seminus*, exibem falos e vulvas abertas e simulam atos sexuais. Esses bufões cerimoniais

lembram os ascetas místicos, personagens marginais em um grande número de tradições, como os *Galandar* no Irã, os *Louco por Cristo*, ortodoxos ou os deuses egípcios *Bes* e o anão *Beset*.

Formam parte desta tribo imaginária a paródia do cobrador de impostos incorporada por *Els Cigarrons*, os menestréis reinventados do *Mistério Bufo*, de Dario Fo. O popular *Juan, jogador de futebol* de Calasparra, em Múrcia. O personagem com a face borrada de *Mateus*, no Bumba Meu Boi. Sobre os *hotxua* não dizemos nada; remetemos a Ricardo Puccini e Ana Carolina Abreu.

Há o Jarramplas de Extremadura, que incorpora um bode expiatório, que mais tarde será divinizado e que provoca o riso ao lembrar o lobo, que chegou a *jarramplar*, porque este é um termo antigo cunhado na área para se referir à ação de roubar e caçar gado. O temido predador também estava associado à infertilidade. É por este último motivo que nesta festa são jogados nabos neles, comparando aquele tubérculo com o pênis. Existe o *Kollón* dos mapuches, que acompanhou o *weichafe* na guerra contra os espanhóis, e que na cerimônia do *nguillatún* aparece em um cavalo de madeira, para manter a ordem de uma forma divertida. É um instrumento de controle social, bem como um mediador entre o mundo dos mortos e os vivos, além de protetor dos machis contra os *wekufes* que roubam as almas dos mortos.

Lembramos ainda o *Kusillo*, que é o bufão entre os Aymara da Bolívia benevolente e afortunada, mas ligado à raposa, um trapaceiro malévolo e desafortunado. Na dança de Chuquila, faz os espectadores rir zombando de um e outro, demonstrando um gosto sexual fora da ordem estabelecida. E os *nazarenos da Burla*, que participam da liturgia da Semana Santa na Espanha como uma alegoria do retorno temporário ao Caos primordial, após a morte passageira de Jesus Cristo. Cumprem uma missão catártica para os fiéis que sofrem e choram no vale das lágrimas, esperando impacientemente pela Ressurreição prometida. Comediantes que quebram as tremendas tensões, quando se recuperam dos trágicos momentos em que o Caos retoma seu antigo papel,

aproveitando-se do fato que a divindade está submersa. Eles são todos tricksters.

Trickster

A principal característica do trickster é a **ambiguidade**. Divino, humano e animal, celestial e habitante do submundo. Toda mitologia que tem um deus trapaceiro tem outros deuses que criaram a perfeição, mas é o Estafador o responsável pelas mudanças que causaram o enredo às vezes deplorável e a feliz desordem do mundo tal como ele é. Talvez não haja outro caráter mitológico e arquetípico tão emblemático para as culturas xamânicas quanto o trickster, que traz o enigmático, o paradoxal, o indefinível.

Observando a natureza, o homem antigo entendeu que tudo é mudança, que tudo flui: o trickster pode se tornar em rio, árvore, estrela ou outro animal e alterar a natureza como se fosse todo o seu teatro, numa dinâmica metamórfica em movimento contínuo. A essência do trickster é a transformação. O trickster associa risadas e orações. As pessoas não podiam orar até que rissem, porque o riso abre o contato com o divino.

A evidência desses palhaços ancestrais não é, claro, uma explicação científica, nem nos permite construir o mito das origens dessa tribo de comediantes. A ciência não estabeleceu para si o objetivo de constituir o homem, mas sim para dissolvê-lo, afirma Lévi-Strauss. Em vez de totalizar, a ciência procura reduzir os fenômenos que procura explicar.

Reduzindo os mistérios do cômico em nossa prática, perdemos a curiosidade e o espanto; e é a surpresa que nos instiga a investigar e a conhecer. O pensamento mágico e totalizante faz do ser humano mais uma parte do cosmos. Mas a ciência fragmentou em mil partes a unidade alcançada pelo mito. Em sua tentativa de explicar com

mais precisão, teve que deixar os possíveis elos unificadores entre as várias disciplinas. Transformou o mundo em um cenário onde tudo o que acontece é previsível e logicamente explicável. Albert Einstein dirá: "A mente intuitiva é um dom sagrado e a mente racional um servo fiel. Nós criamos uma sociedade que honra o servo e esquece o dom." (CHAMBON, 2012, p. 15). Uma sociedade adulta com pouca capacidade de surpreender e que tem esquecido toda a maravilha de sua infância. E esse modo racional de conhecer tem sido capaz de liquidar outras formas de apreender, criar e transmitir conhecimentos ancestrais comunitários.

Por isso, propomos reunir neste frasco a instituição de palhaços sagrados, que é um fenômeno dissimilar e complexo, mesmo sabendo que estamos errados em classificar. Mas é uma forma de atrair a atenção para uma obra que é de titãs: disponibilizar para palhaços e bufões contemporâneos uma prática cômica popular que tem sido estudada extensivamente por etnólogos e antropólogos e desdenhada pelas escolas de teatro e pela prática do *clown* eurocêntrica. É sensato estudar o pensamento mágico, é nosso assunto e nosso ofício.

Max Weber nos deixou vivendo dentro de uma *gaiola de ferro*, cujas barras são a eficiência crescente, o cálculo infalível e o controle tecnológico. Vivemos o mito moderno da caverna de Platão como prisioneiros que só enxergam as sombras da realidade; temos a possibilidade de deixar a história das mídias de massa e sair da caverna, como no Show de Truman, mas segundo Gellner não é tão fácil, porque a *gaiola é de borracha*. A coerção agora é flexível: flexibilidade trabalhista que permite a liberdade de demitir-se sem indenização, deslocalização da produção que facilita os abusos da Cidade Juarez e as barracas do suor na Tailândia, globalização dos benefícios que não pagam impostos, dando origem a paraísos fiscais. O problema não é mais o racionalismo. Esperançosamente, houve um pouco de razoável solidariedade, misericórdia e compaixão. Gellner nos mostra que a resistência a essas políticas não sustentáveis, em parte da juventude,

não é mais dissidente, mas associais e apolíticas. É o desencanto do desencantamento.

Esta é a famosa solidão do clown que é vendida. Os palhaços sagrados não a compram. Eles sempre levantaram a prática da *soledad do clown*.

Por esta razão, a tribo imaginária emerge para chamar a atenção para a *clownolização dos narizes vermelhos*, como uma risada dominante. A pequena máscara vermelha subversiva, a grande contribuição de Pierre Bylan e Philippe Gaulier foi normalizada e domesticada e ouvimos repetir *ad infinitum* o dogma da vulnerabilidade do clown, o princípio do fracasso eterno, a busca do palhaço que você carrega dentro e outras mentiras para saber o que significam; mas que mantêm excelentes criadores e comediantes talentosos bem longe dos problemas da polis. Esta clownolização precisa de uma força contrária que a equilibre. E esse movimento é a *desclownolização* da nossa arte.

A desclownolização

A *desclownolização* busca no conhecimento cômico pontes que unem, através do riso, culturas diversas com uma origem eufórica do mundo que é comum. Por essa razão, ela não se conforma com a explicação que nos diz que os *clowns* surgem em torno do circo do Sargento Peter Ashley ou, principalmente, em torno do Joey Grimaldi, um dos últimos *arlequinos* da *Commedia dell'arte*.

Hoje, sabemos que os palhaços sagrados estão nas origens da humanidade e sempre foram conhecidos em sua função cômica e ritual como *pascola, curcuches, koshemshy, nasrudin, collon, anansi, lokti, currumachos, filandorra, vijanera, nazarenos da burla, mateus, hotxua, os palhaços de Rotuma* e uma longa lista que amplia os limites do humor, mantendo nossa condição de fluidos no magma da natureza que nos contém, como parte da fonte e origem de nossa graça.

Este trabalho propõe uma tarefa que é coletiva, transoceânica e enorme. Toda academia, todo festiva, toda questão da polis, todo classicismo, todo pós-modernismo e todo poder, precisam sagradamente do bufão, dos palhaços, das palhaçadas e do *clown*. A Tribo Imaginária opera com a ***Soledad do Clown***.

Referências

ABREU, Ana Carolina Fialho. **Hotxuá à luz da etnocenologia**: a prática cômica Krahô. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas)-Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17916>. Acesso em 19 dez. 2018.

CHAMBON, Oliver. **Psychotherapie et chamanisme**. Paris: Editions Véga, 2012.

GELLNER, E. La jaula de goma: desencanto con el desencanto. In: **Cultura, identidad y política**. Barcelona: Gedisa, 1998, p. 164-177.

LECOQ, Jacques. **El cuerpo poético**. Barcelona: Alba Editorial, 2003.

MATURANA, Humberto Romecín. **A árvore do conhecimento**. Chile: Editorial Universitária, 2012.

SAHLINS, Marshal. **La ilusión occidental de la naturaleza humana**. México: Fondo de cultura económica, 2011.

WEBER, M. **La ética protestante y el espíritu del capitalismo**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

ZEBALLOS Philipps, Andy. Epistemicidio: así es como la modernidad suprime formas marginales de conocimiento". In: **Enunitedexplanations.org**, 3 de dez. 2015. Disponível em: <http://www.unitedexplanations.org/2015/12/03/31787/#>. Acesso em: 25 de jan. 2016.

Abstract |

A message that through ancestral smoke signals is directed to an imaginary tribe to provoke an exchange of knowledge between natives and foreigners, around sacred clowns and ritual buffoons, in order to invoke laughter and the study of good humor.

Keywords: "Soledaridad"; Forgetfulness Project; Epistemicide; Trickster; Descolonization.